

SABIA QUE...

P.e Martinho Lopes Mendonça
CREMAÇÃO OU INCINERAÇÃO

Qual é o entendimento da Igreja Católica quanto ao destino a dar às cinzas que resultam da cremação. Quando nos confrontamos com a necessidade de proceder à cremação das ossadas de um familiar, que destinos a dar às cinzas?

Em consequência da sua fé em Deus, Pai de todos os seres humanos, os cristãos honram nos cemitérios, lugar sagrado em que aguardamos com esperança a ressurreição, não só os corpos dos seus irmãos na fé, mas também os daqueles homens e mulheres que, independentemente da sua religião, aí foram sepultados, «*porque a todos redimiou Cristo na cruz, derramando por eles o seu sangue*», e nas suas romagens aos cemitérios, em certos dias do ano ou sempre que se incorporam no funeral de alguém, têm o hábito de rezar ao Pai celeste tanto por aqueles que «*morrem na paz de Cristo como por aqueles cuja fé só Deus conheceu*». O costume cristão, herdado dos judeus, de inumar os defuntos, ou seja, de enterrar os corpos daqueles que morrem, acabou por ser considerado pela Igreja como o mais conforme à visão cristã da morte. Porquê? Porque a inumação ou sepultura, por um lado «*recorda a terra de onde o homem foi tirado (Gn 2, 7) e à qual retorna (Gn 3, 19; Sir 17, 1); e por outro lado, evoca a sepultura de Jesus, grão de trigo que, lançado à terra, produziu muito fruto (Jo 12, 24)*». Assim sendo, a preferência da Igreja pela sepultura tem fundamentação bíblica.

Creemar e incinerar são duas palavras exactamente com o mesmo significado: queimar o corpo do

defunto pelo fogo, reduzindo-o a cinzas. Os últimos decénios têm testemunhado que, embora a maioria das pessoas baptizadas continue a optar pela inumação dos seus familiares defuntos, há cada vez mais pessoas que escolhem a cremação ou incineração. O Código de Direito Canónico diz: «A Igreja recomenda vivamente que se conserve o piedoso costume de sepultar os corpos dos defuntos; mas não proíbe a cremação, a não ser que tenha sido preferida por razões contrárias à doutrina cristã» (CDC can. 1176, 3).

O novo Ritual das Exéquias no n. 94 tem uma abertura total à liberdade de escolha de cada cristão: «Os fiéis têm a liberdade de preferir a cremação do seu próprio corpo, sem que tal escolha impeça a celebração dos ritos cristãos». Neste caso, e após o rito da Encomendação e Despedida celebrado na própria igreja no final da Celebração, não há procissão ao cemitério, mas sim condução do corpo do defunto ao crematório».

Mas o n. 97 diz: «Embora seja melhor e mais expressivo celebrar o rito exequial antes da cremação do cadáver, se a família o preferir e o Ordinário do lugar o julgar conveniente, pode permitir-se também que as exéquias se celebrem depois da cremação do cadáver, perante a urna, sendo esta levada, no fim da celebração, ao lugar – cemitério ou columbário – destinado para este efeito. Em caso algum a urna com as cinzas do defunto poderá levar-se de novo à igreja para a comemoração do aniversário ou noutras ocasiões». As cinzas não

devem andar a passear e a mostrar-se. A rubrica equipara-as ao corpo do defunto, que uma vez sepultado não volta a exumar-se para o trazer de novo à igreja. Isso seria de muito mau gosto. O respeito devido aos mortos não o consente. A lei romana castigava com penas severas quem violasse um túmulo.

Resposta à pergunta feita

Ao levantar as ossadas do seu familiar, pode optar por duas soluções: a) colocá-las numa nova sepultura, ou num jazigo; b) ou cremá-las e colocar as cinzas numa sepultura, num jazigo ou num columbário.

A lei civil permite que leve as cinzas para sua casa e lhe dê o destino final que entender, dentro do que é razoável e humano. A Igreja não o aconselha a proceder desse modo. Diz-lhe antes: «No nosso tempo, está a consolidar-se a prática da cremação do corpo do defunto... Em relação a essa opção, exortam-se os fiéis a não conservar em casa as cinzas de familiares, mas a dar-lhes a habitual sepultura, até quando Deus fizer ressurgir da terra aqueles que lá repousam e o mar restituir os seus mortos (cf. Ap 20, 13)».

Resumindo, no dia em que tiver reduzido a cinzas as ossadas do seu familiar, deponha-as numa sepultura ou num jazigo. É assim que pensa e ensina toda a Igreja Católica, esposa bem amada do Senhor, mãe e mestra dos cristãos.

Adaptado de Serviço Nacional Liturgia



PALAVRA COM VIDA

Solenida de de Jesus Cristo Rei do Universo

Jesus Cristo, Rei do Universo

O tema dominante neste último domingo do tempo comum só pode ser a realeza de Jesus Cristo, Rei do Universo. Esta realeza está prefigurada no texto do profeta Daniel: "Foi-lhe entregue o poder, a honra e a realeza ... O seu poder é eterno... e o seu Reino não será destruído". No evangelho, a realeza de Jesus é reafirmada em termos categóricos: "Disse-lhe Pilatos: Então, Tu és rei? Jesus respondeu-lhe: É como dizes, sou rei." A segunda leitura, do Apocalipse, confirma e canta a realeza de Jesus: "A Ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Ámen!" Ao mesmo tempo, os cristãos são feitos participantes da realeza de Cristo: "Fez de nós um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai."

O evangelho contrapõe dois reinos e duas concepções do rei: o reino deste mundo e o que não é deste mundo, que é apelidado, noutros textos bíblicos, de reino de Deus ou dos Céus. Pilatos representa o primeiro, o mais poderoso reino da terra, aquele que se funda sobre um poder absoluto que se impõe pela força de um exército e Jesus Cristo o segundo, o que se afirma pela força da verdade e do amor, o mesmo é dizer que a sua realeza não provém dos homens deste mundo, mas provém do amor de Deus ao mundo. Pilatos não pode conceber de maneira nenhuma um rei que é condenado à morte pelos seus súbditos sem que lhes oponha resistência; Jesus, por seu lado, está convencido e seguro de que é sob o madeiro da cruz que vai instaurar de modo definitivo e perfeito o seu misterioso reino. Para Pilatos, dizer que alguém reina depois de morto, é um contrassenso e um absurdo; Para Jesus, ao invés, está perfeitamente claro que essa é a verdadeira realidade, pois a morte não pode destruir o reino do espírito. Dois reis, um diante do ou-

tro. Pilatos, a máxima autoridade civil e militar em Israel, cujo poder supremo é infligir a morte; Jesus, que por seu lado tem o poder, materno e criador, de dar a vida em plenitude. Qual dos dois é mais livre, qual deles é mais homem? Pilatos, rodeado das suas legiões, prisioneiro dos seus medos, ou Jesus, um rei desarmado que a verdade fez livre, que não tem medo, não faz medo, liberta do medo, que ensina a depender só do que se ama? Por fim, e em definitivo, Jesus Cristo não só é Rei, como torna participantes da sua realeza os cristãos: "fez de nós um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai". Dois reinos diferentes, duas concepções diversas. Depois de dois mil e vinte e quatro anos do histórico encontro entre Pilatos e Jesus, não é a concepção de Jesus Cristo a única que pode resistir ao teste da história?

Em qualquer dos casos, não se trata de realidades geográficas. O que está em causa é o modo como encaramos a existência terrena, isto é, se acreditamos ou não na presença e na ação de Deus na nossa vida e na do mundo.

A resposta de Jesus Cristo é esclarecedora: "Sou Rei. Para isso nasci e vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz". Façamos um exame de consciência ante o "testemunhas da verdade".

- o que há de verdade (que nos liberta) e de mentira (que nos escraviza) no nosso seguimento de Jesus Cristo?

- não necessitamos de dar passos rumo a maiores níveis de verdade humana e evangélica nas nossas vidas, nas nossas comunidades e nas nossas instituições?

NUMA PALAVRA...

Antonino Dias, Bispo Diocesano

Não esqueçam! Última sexta-feira de novembro! Dia de sufrágio diocesano por todos quantos partilharam talentos e bens em favor da evangelização na diocese e nas paróquias, na diversidade dos seus setores. É um dever de gratidão, de justiça, de caridade.

Há diferentes formas de celebrar e honrar os mortos. Entre nós, fazemo-lo com iniciativas diversas, segundo a fé e a devoção de cada um, de cada família, de cada comunidades cristã. As mais comuns vão desde a confissão sacramental para se participar na eucarística, até à oração pessoal ou familiar, em casa e na comunidade cristã. Desde a esmola, a mortificação e o voluntariado por essa intenção até às visitas ao Cemitério e à participação em eventos comunitariamente organizados. Desde o acender de velas sobre a campa como que a iluminar o caminho da eternidade, até ao colocar aí uma coroa ou um ramo de flores a simbolizar a vitória da vida sobre a morte e o amor que se dedica aos que aí estão sepultados...

Rezemos por quem nos transmitiu e testemunhou a fé, por palavras e obras. Rezemos por quem ajudou a construir a Diocese e as paróquias nestes 475 anos de existência. Rezemos uns pelos outros enquanto caminhamos. Rezemos pelos que já partiram e se purificam no Purgatório.

Que os santos intercedam por nós para que vivamos como verdadeiros filhos de Deus, com alegria e esperança.